

LOUCO E VARRIDO 1 - O HOMEM QUE FOI CONDENADO A SER LIVRE

Como de costume, sábado passado encontrei-me com meu amigo Varrido em um dos bares em frente a PUC e começamos beber algumas cervejinhas. Papo vai, papo vem, lá “pelas tantas”, Varrido falou:

- Louco, hoje é meu dia de graça, pois realizei meu sonho! Comprei uma moto, uma Kawasaki Ninja 1000 e, amanhã, entregar-me-ão a “gazela”; então estarei montado cara! Não é animal? A liberdade das liberdades!

- É varrido, não sei se é animal ou animalesco, depende o que você entende por liberdade.

- Louco, não me venha com essa agora, eu e todos os homens do mundo somos livres, porém, eeu, o Varrido, sou duplamente livre. Terei a liberdade do vento cortando o meu rosto, a liberdade de deitar a moto nas curvas da estrada da vida. Louco, você não entende de liberdade cara!

E, olhando para o alto, Varrido disse:

- Obrigado Senhor, obrigado meu Deus!

- Varrido você tem razão, de liberdade eu entendo pouco, quase nada. Pois, a minha leitura de liberdade chama-se determinismo. Determinismo social, determinismo econômico, determinismo psicológico, etc. Agora de riqueza eu entendo alguma coisa. E penso que deveria agradecer seus empregados e não a Deus pela compra da sua moto.

- “Oh cara!” “Tá” querendo me dizer que liberdade não existe e que somente existem determinismos? E, que Deus não me ajudou em meus negócios, nem na aquisição da poderosa?

- Perfeito. Na “mosca”, Varrido.

- Louco, já estudei um ano de Filosofia na PUC, meio obrigado é verdade, mas estudei e lembro-me muito bem que um “carinha” escreveu que: “o homem está condenado a ser livre”.

- Veja só e eu, idiotamente, me contraponho a esse “carinha” que se chama Jean-Paul Sartre e afirmo que o homem está condenado apenas a pensar que é livre. Mas, somente pensar que é, mas efetivamente não o é.

- Louco, mas você não concorda comigo que, a fortiori, o homem é livre para escolher! Assim, quando você fala em determinismo você está querendo fugir da responsabilidade de escolher, escondendo assim suas pequenas e grandes covardias. Esperto você, heim louco!?

- Realmente Varrido, todos nós temos um pouco de covardias e heroísmos. Porém, raciocine comigo: você escolheu comprar uma moto, isto você afirma ser liberdade, eu, dado ao meu salário, escolhi comprar uma bicicleta, a isto chamo determinismo econômico. Você escolheu morar no Jardim Los Angeles, também para você é liberdade; eu escolhi morar no Angele’s Xaxim, a isto denomino determinismo social. Enfim, por que você não anda nu?

- Hoho cara! Não ando nu porque sinto frio! Mas, “pera aí” Louco, Los Angeles e Xaxim são questões econômicas ou sociais?

- Tanto faz cara! Pois, o econômico determina o social. Só falei “social” para rimar com Xaxim social.

- Louco, parece que bebeu cara! Você falou Angele’s Xaxim, que se quer existe!

- Claro que existe Varrido. É nome da última favela instalada no bairro.

- Louco, você acredita mesmo nessas bobagens que fala? Da não existência de liberdade, que o homem mesmo morando na favela não pode ser livre? Está escrito na Constituição que todo o cidadão é livre, que tem o direito de ir e vir, que somos todos iguais e outras coisas mais.

- Varrido, nós somos iguais perante a lei, se é que o somos! Porém, somos desiguais socialmente! Pois, você não percebeu cara, que quando eu vou, não venho e quando venho, não vou? Mas, acredito no que digo. Pois, a maior qualidade de um homem é viver segundo as suas crenças. Veja só, você parte do pressuposto que a liberdade é individual e subjetiva; que está dentro do Ser, portanto, você entende que a liberdade está na alma do homem.

- E daí, não está? O homem constrói e projeta a sua liberdade. Ele é o que quer ser.

- Diria Varrido, que isso não é, nem bom senso, nem senso comum, nem sem senso, pois você misturou Lair Ribeiro com Sartre. Nessa sua argumentação está explicitado um voluntarismo malandro e uma espécie de otimismo idiota. Pois, assim você consegue, por exemplo, que um homem possa ser livre mesmo estando na cadeia e que eu projetei e construí ser pobre, que quero morar na favela, ser operário e estar desempregado. Pergunta simples, você escolheu o país ou a família na qual nascer? Pelo menos escolheu seu nome?

- Louco, com essa sua parolagem não me convenceu. Pois, penso que é verdade que eu não posso eleger o país ou a família na qual nascer; também não escolhi língua mãe, nem minha condição econômica, nem nascer ou não numa favela. Tudo isso é verdade, mas está em minhas mãos permanecer ou não nessas condições. Permanecer ou não na favela está em minhas mãos.

- Varrido, não seja ingênuo, para que você escolher ficar ou não na favela, dependerá das oportunidades que o sistema econômico oferecerá a você. Somente isso.

- Pensei, pensei, e insisti: Louco, tudo está dentro do homem, cara! O homem é o que é e não pode deixar de sê-lo.

- Qual homem Varrido? Homem, sujeito individual ou homem, sujeito coletivo?

- Não complica Louco. É lógico que é o homem "homem"; o homem "indivíduo".

- Dentro desse homem indivíduo do qual você fala, só existe seu pensamento, o qual desaparece com sua morte, visto que o pensamento é um movimento eletrônico cerebral, pois decorre de reações físico-químicas.

- Chega Louco! Eu acredito na vida após a morte. Agora, você me diz que tudo desaparece com a morte. E as ideias, não permanecem? Hoje o mundo é formado, e sempre foi, por ideias de pessoas que já morreram. Você está sofismando. Cheio de retórica, heiemm cara!

- Varrido, por um acaso você não percebeu que as ideias que estão no mundo são as da classe dominante e que as da classe dos dominados morre sempre com o pensamento do pensante? E aqui só para nós, duas perguntinhas: você já viu um efeito ser livre e já viu alguma coisa sem cérebro ou arquitetura equivalente pensar?

- Lamentavelmente não se pode conversar sério com pessoas loucas e hoje o Louco enlouqueceu.

Antonio Carlos da Silva – 2º ano de Filosofia.

Tesoureiro Geral do DCE-PUC – PR.

Curitiba, setembro de 1997.